

ENTREVISTA



Marcela Orlandi

“Conta a formação, a faculdade e você não ser uma pessoa engessada.”

Marcela Orlandi entrou na Poli em 2009, em Engenharia Civil, e está no último semestre do curso, do qual sairá com duplo diploma por ter participado, durante dois anos, do programa de intercâmbio da Escola Politécnica da USP com o Politecnico di Torino, da Itália. Nesta entrevista ela fala de sua formação como engenheira, de suas atividades em estágios e do mercado de trabalho.

JC – Desde quando você pensa em Engenharia como carreira?

Marcela – Desde sempre. Eu sempre gostei muito de Exatas, então decidi que ia fazer Engenharia. Primeiro, porque é uma carreira em que você é reconhecido; segundo, é uma carreira que não é monótona. Todo o tempo você está aprendendo e sempre tem de resolver problemas. Escolhi Engenharia desse jeito.

Por que Engenharia Civil?

O mais legal da Civil é que você vê as coisas acontecendo, vê as coisas crescendo, fisicamente mudando.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Prestei UFSCar e Unicamp. Sempre para Civil. Fui aprovada em todos.

Você entrou no Etapa quando?

Eu entrei no 8º ano do Fundamental.

No 3º ano do colegial, quando ia prestar vestibular, você manteve ou mudou seu método de estudo?

Eu sempre me dediquei muito. No 3º colegial, além das aulas normais, quando dava tempo eu resolvia provas de vestibulares. Eu chegava em casa, pegava a Fuvest de mil

novecentos e bolinha, cronometrava e fazia. Depois eu comparava com o gabarito.

No colégio, além das aulas, você tinha alguma atividade extra?

Eu gostava bastante do Clube de Cinema. Até vim algumas vezes depois, quando já estava na Poli. Era bem legal poder discutir sobre filmes que você assistiu, com pessoas que se interessavam pela atividade. Tinha um professor para ajudar na discussão. Sou amiga deles até hoje e a gente tem um grupo de discussão.

Você fazia mais alguma atividade?

Eu sempre gostei de esportes. Muitas vezes ficava aqui estudando até 7 e meia da noite, quando começava o treino. Jogava basquete e handebol. Às vezes vôlei também. Eu gostava muito de ficar aqui.

Como foi o início na Poli?

Foi bem difícil. No Etapa a gente estava acostumada com uma lousa linda, com professor dando uma aula toda planejada, e na Poli você via que muitas vezes o professor não tinha planejado a aula. Lá poucos professores dão orientação direta. Você tem que ficar ligada, tem de correr atrás de livros que às vezes não existem mais, procurar na biblioteca. Às vezes tinha uma prova e eu nem sabia o que precisava estudar.

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Civil

1

ARTIGO

Parlamentarismo e presidencialismo

5

ENTRE PARÊNTESES

Alta tensão

8

CONTO

Amor e sangue – Antônio de Alcântara Machado

4

POIS É, POESIA

Olavo Bilac (1865-1918)

7

ESPECIAL

A experiência do professor Borsenco

8

Sua adaptação durou quanto tempo?

Um ano, mais ou menos. No 1º ano eu peguei duas DPs, uma no primeiro semestre, em Programação, outra no segundo, em Mecânica. O 1º ano era igual para todo mundo, mas no 2º ano as matérias ficaram bem mais legais. Comecei a ir bem, minha média aumentou, não peguei mais nenhuma DP.

Na Poli, além das aulas, o que mais você fez?

Fiz parte da Atlética durante um ano. Fui diretora do basquete. Foi no 2º ano. Também participei do TETO, que é uma ONG que constrói casas de madeira para pessoas que moram em barracos na favela. Sua sede é bem na entrada da USP. Em um ano, participei de duas construções.

Que matérias você teve em cada ano da faculdade?

No 1º ano, Cálculo, Física, Álgebra Linear, Programação, Mecânica, Mecânica dos Fluidos. No 2º ano já começam Resistência dos Materiais e Topografia. Agora mudou, Topografia é dada desde o 1º ano. Tem um pouco mais de matérias aplicadas, como Física das Construções. No 3º ano, Concreto, mais Resistência dos Materiais, Mecânica dos Solos, começa Fundações, Obras de Terras. Tem Mercado Financeiro, Economia, Planejamento de Empreendimentos. Tem Tecnologia da Construção, você tem de visitar uma obra, acompanhar a concretagem de um pavimento.

Tudo isso no 3º ano?

Sim, no 3º ano. Também foi no 3º ano que comecei a pensar em intercâmbio. Eu nunca tinha pensado muito nisso, mas vários amigos meus entraram na Poli com esse sonho.

O que é preciso para entrar no intercâmbio?

Para o duplo diploma você tem que começar a fazer os processos no meio do 3º ano para viajar no meio do 4º. Fiz minha papelada, meu plano profissional, meu currículo, escrevi minhas justificativas. Passei na primeira triagem, fui chamada para entrevista e assinei minhas opções: França, Itália e Portugal. Coloquei França em primeiro lugar porque lá tem a primeira escola de Engenharia Civil do mundo. Depois coloquei Itália, um país bem conceituado na Engenharia e também porque eu tenho cidadania italiana. Por último, Portugal. Saiu o resultado em outubro de 2011 e eu passei na Itália. Fiquei superfeliz.

Para qual escola você foi?

Politecnico di Torino – Instituto Politécnico de Turim. Fiquei dois anos, de setembro de 2012 a agosto de 2014.

Você conseguiu bolsa?

Consegui pelo Ciência sem Fronteiras. O principal problema é que a bolsa era por um ano. Mas no segundo ano peguei seis meses de bolsa da USP.

Suas bolsas cobriam um ano e meio e deu para ficar dois anos?

Sim. Quase todo mundo fez isso. Poucas pessoas gastaram tudo. Era muito difícil gastar tudo, era muito dinheiro.

O curso era todo em italiano?

O curso era 80% em italiano, 20% em inglês. Algumas matérias eles faziam em inglês para outros intercambistas de línguas que não são de origem latina – poloneses, chineses. Tinha muito chinês lá. Como o curso começava em setembro, em janeiro e fevereiro eu fiz um intensivo de italiano, todas as noites. Depois, ao longo do semestre, fiz duas vezes por semana, à noite.

Os dois anos em Turim representaram qual período do curso da Poli?

O 8º e o 9º semestres. Metade do 4º ano e metade do 5º.

Você morava sozinha em Turim?

Não, morava com duas brasileiras. Uma da Poli e uma da Unesp. No 2º ano a gente se mudou para bem perto da faculdade e foi ótimo. Era só atravessar a rua, a aula começava às 8 e meia, saía de casa às 8 e 25. Era outra qualidade de vida.

As matérias que você teve em Turim eram parecidas com as da Poli?

As matérias em si são iguais. A maior diferença é a maneira como elas são ensinadas. Lá o ensino é muito teórico e muito importante, o professor cobra na prova.

Que matérias você estudou em Turim?

Pontes, Fundações, Planejamento de Transportes. Eles usavam dados reais de uma cidade dos Estados Unidos que não tem nada de transportes. A gente traçou uma malha de transportes para a cidade. Também fiz um projeto de estradas que era uma coisa real também.

Você visitou outros países?

Sim, viajei bastante. Conheci a Itália inteira, Alemanha, França, Bélgica, Espanha, Polônia, República Checa. Conheci também Ibiza e Maiorca.

Como é sua tese de conclusão?

Minha tese é experimental. Vou tentar contextualizar. Um aeroporto tem a pista onde o avião pousa e decola e uma parte final onde tem até umas barreiras. Nos aeroportos dos Estados Unidos essa parte final da pista é feita de um concreto muito poroso que, caso o avião não consiga frear, esse pedaço de pavimento vai parar o avião. Você vai de uma parte lisa para uma muito densa para poder frear. Os Estados Unidos patentearam o material deles, que é muito caro. A proposta do meu orientador da tese foi tentar criar um material que corresponda às características daquele e bem mais barato para poder ser colocado em vários aeroportos do mundo. A gente criou quatro tipos no laboratório. Estou escrevendo a tese toda em inglês e vou apresentá-la por videoconferência para meu professor na Itália e para meus professores na Poli.

Você chegou a fazer estágios?

Em janeiro de 2012 comecei a trabalhar numa construtora do grupo Gafisa. Trabalhei numa obra. Estava completamen-

te perdida, não sabia nada porque as matérias mais práticas, mais de obras estavam começando naquele semestre. Mas o pessoal da obra foi superlegal comigo.

Você ficou quanto tempo nesse trabalho?

Uns quatro meses, de janeiro a abril. Foi uma época em que eu nem sabia de onde tirava tanta energia. Era o dia inteiro fora de casa.

O que você aprendeu nesse estágio?

Foi o primeiro contato com obras, aprendi todos os termos técnicos e não técnicos, de vivência de obra mesmo. Eu até brincava que precisava de um dicionário. Minha principal função era conferir os apartamentos, ver o que estava feito e se estava tudo certinho. Era mais uma parte de conferência. Depois uma pessoa saiu e eu assumi as coisas dela também. Tive que montar quadros de concorrência e tive que comprar todas as lâmpadas da obra.

Depois da volta ao Brasil você fez mais algum estágio?

Entre num estágio em setembro do ano passado numa empresa contratada para a obra da linha 4 do metrô. O estágio foi muito bom, foi uma aula enorme. Fiquei até janeiro deste ano. Saí porque estava num trabalho completamente improdutivo. A empresa estava muito ruim, tão sem dinheiro que nem internet a gente tinha no escritório. Falei: "Estou perdendo meu tempo aqui, prefiro me dedicar aos processos de *trainee*. Faço minha tese com calma".

E hoje, qual é a sua maior preocupação?

A carreira. Estou com um pouco de dúvidas sobre continuar na Engenharia Civil. Ao mesmo tempo em que é tudo muito legal, hoje está muito na moda consultoria. Você pode fazer consultoria e aplicar as coisas que aprendeu. Uma empresa está com problemas, você vai conferir o estoque dela no armazém e vê se estão perdendo muito tempo na carga e descarga. Você identifica o problema e tem de oferecer uma solução. Isso é Engenharia.

Na hora de obter um emprego, um estágio, o que você acha que diferencia uma pessoa da outra?

Conta a formação, a faculdade e você não ser uma pessoa engessada. Hoje em dia as empresas querem uma pessoa que exerça tudo ao mesmo tempo. Querem um cara que seja muito bom do ponto de vista técnico e muito bom do ponto de vista comercial, de saber se vender, vender a empresa, vender os conhecimentos.

Um profissional formado pela Poli está pronto para encarar o mercado de trabalho?

Acho que sim, o currículo que a Civil oferece é muito bem estruturado e você tem dois estágios obrigatórios para se formar. Obrigatoriamente você tem que ter uma parte

prática no currículo. Ninguém sai da Poli sem ter pisado numa obra.

A nova grade curricular da Poli melhorou ainda mais a formação?

Eu acho que é melhor no sentido do aprendizado. Agora, no 1º ano você já tem coisas da Engenharia que você escolheu. Mas eu acho que no Brasil a gente entra na faculdade muito nova. Na Itália eu via que todo mundo do meu ano era pelo menos dois anos mais velho que eu. Lá eles têm dois anos a mais de colegial. Eles entram no Ensino Superior com maturidade maior. A gente entra um pouco criança na faculdade, ainda mais quem passa direto.

Quais são seus planos para este ano?

Conseguir um bom emprego e talvez começar um mestrado. Eu quero ver como vai ser o final da minha tese e aí quero conversar com algum professor da Poli, da parte de Engenharia de Materiais, e ver se tem interesse em dar continuidade à minha pesquisa. É uma coisa bem legal, aplicável, importante. Não quero perder isso. Se eu puder aliar o emprego e o mestrado vai ser bem legal.

Que matérias você viu no Etapa que mais a ajudaram em sua formação e no trabalho?

Uma coisa que ajuda muito, uso até hoje, é Análise Dimensional. O Etapa insiste muito. Você não tem noção de como aquilo é útil. Teve um dia que meu chefe falou que estava com dificuldades para fazer os índices de produtividade. Ele estava todo enrolado com um monte de regra de 3. Falei: "Dá aqui", e fiz em uma linha. Análise Dimensional não é uma coisa com que tanta gente é familiarizada. E é uma coisa que o Etapa fez muito bem. Isso e a parte de Exatas, que é muito forte. Eu cheguei na universidade com uma base muito forte em Matemática. No primeiro semestre sempre fui bem em Cálculo.

Hoje, voltando ao Etapa, o que você sente?

É um sentimento de reconhecimento, de conquista. O Etapa foi muito legal para mim, faz parte da minha vida. Até hoje tenho contato com alguns professores. Carrego amizades até mesmo com gente que foi para universidades mais distantes.

O que você pode dizer a quem está pensando em prestar Poli no fim do ano?

Pesquise bastante como é a carreira, para não ter tantas dúvidas. O Etapa organiza visitas à Poli, ir nessas visitas é muito legal para conhecer o ambiente, conversar com pessoas, tentar saber o máximo que puder antes de ingressar.